



Desconectados! Tempo de conexão e o que pensam os jovens do ensino público estadual do RJ sobre o uso do celular em sala de aula

Fabiano Viana Andrade
E-mail: f.andrades@hotmail.com

Juliana Costa Velho de Abreu
E-mail: julivelho@hotmail.com

Abstract. The objective was to problematize the cultural conflict existing in the school environment from what the young people of the state network of RJ think about challenges and possibilities of cell phones in the classroom. To fulfill the objective, a focus group was developed and questionnaires were applied to students. It can be observed that the majority of respondents stay more than 10 hours a day connected to the internet (23.6%), 64% use cell phones in the classroom, 54% to research subjects generated in class, 70% revealed themselves favorable to the use of mobile phone in the classroom and 42.9% mention feeling “nothing” when they are disconnected.

Keywords: School culture, students, education, TDIC

Resumo. Objetivou-se problematizar o conflito cultural existente no ambiente escolar a partir do que pensam os jovens da rede estadual do RJ sobre desafios e possibilidades do uso do celular em sala de aula. Para cumprir com o objetivo, foi desenvolvido grupo focal e aplicação de questionários com discentes. Pode-se observar que a maioria dos entrevistados permanecem mais que 10h diárias conectados à internet (23,6%), 64% utilizam celular em sala de aula, 54% para pesquisar temas gerados em aula, 70% revelaram-se favoráveis a liberação do uso de celular em sala de aula e 42,9% mencionam sentir “nada” quando estão desconectados.

Palavras-chave: Cultura escolar, discentes, educação, TDIC

1. Introdução

Um dos grandes desafios que acompanham o docente hoje em sala de aula é a presença das TDIC, sobretudo do aparelho celular. Entre outros velhos problemas, o uso do aparelho celular em sala de aula vem desafiando os sistemas educacionais, exigindo que a escola repense a normatização do sistema de ensino, redimensionando suas funções e buscando novas referências para que a sala de aula se torne um espaço fecundo que dialogue direta e indiretamente com seu tempo.

A percepção a respeito da mudança no comportamento social devido ao acesso à internet é algo observado e pesquisado por autores logo quando a sua inserção começou a despontar em maior escala, num contexto onde, segundo Castells (2000), o paradigma tradicional que por muito tempo colocou as pessoas em posição de passividade enquanto expectadoras, agora as posicionam frente a um modelo de interação que busca a remoção de

muitas das fronteiras até então existentes considerando a transformação das dimensões espaciais e temporais das sociedades emergentes.

Dessa forma, o presente trabalho busca refletir sobre o uso do celular em sala de aula, sua proibição formal e como esse paradigma repercute na reflexão e ação dos discentes envolvidos.

2. REDES SOCIAIS E SALA DE AULA

Com o advento da internet e a disseminação das TDIC no mundo globalizado, cada vez mais diferentes instrumentos de comunicação ultrapassam os muros das escolas e as salas de aula ampliando de forma nunca antes pensada a capacidade de comunicação e interação entre os mais diversos setores das diferentes sociedades ao mesmo tempo ou em tempo diferente, no mesmo espaço ou em espaços diferentes.

Dentro desse contexto, é possível afirmar que os nativos digitais se encontram cada vez mais imersos nesse “novo” mundo, considerando sobretudo o dinamismo e a interação que as inovadoras TDIC proporcionam frente as mais diversas formas de conexões e possibilitadas, quando pensadas a partir de uma sociedade organizada em redes.

É consenso que o fenômeno das redes sociais precede o surgimento das TDIC, no entanto, é possível afirmar que com a mediação feita a partir dos computadores e dispositivos digitais estabeleceu-se um novo modelo de rede que envolve diferentes atores conectados pelos mais diversos meios em tempos e locais diferentes. Raquel Recuero (2009) em seu livro “Redes Sociais na Internet” destaca que: O advento da comunicação mediada por computador [...], mais do que permitir ao indivíduo comunicar-se, ampliou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas por computador (RECUERO, 2009; p.16). Ainda segundo a autora, estas redes, além de conectar computadores, conectam sobretudo pessoas.

Em consonância com Recuero (2009), Cristina Corea (2011) destaca que “Na sociedade da informação, já não há lugares, mas fluxos; o sujeito já não é uma inscrição localizável, mais um ponto de conexão com a rede” (apud SIBILIA, 2012 p.177). Essas interações entre atores, redes e conteúdos compõem um novo modelo de sociedade no qual a cultura digital apresenta-se como um dos principais pilares de sustentação das relações sociais.

Dentro desse contexto, a escola tradicional, muito presente nas sociedades atuais, em sua maioria, ainda sustentam um modelo vertical de transmissão do conhecimento onde o discente é pensado e entendido como um mero receptor passivo. Segundo Sibilía (2012), esse modelo de ensino apresenta-se de forma anacrônica e desconectada, tendo em vista que as tecnologias associadas a internet têm apresentado um crescente uso, sendo verificada nos mais diversos ambientes, dentre eles a sala de aula, na qual a maioria dos discentes possuem um recurso tecnológico de grande potencial - o aparelho celular.

Lopez, (2014) ressalta que as transformações oriundas da presença maciça das tecnologias móveis em sala de aula não colocam em desuso os livros ou as bibliotecas, mas sobretudo auxilia o educador a buscar novas fontes de interesse do educando, permitindo assim uma maior interatividade dos alunos com os conteúdos disciplinares em sala de aula, motivados e incentivados com o uso das novas tecnologias.

No entanto, é importante destacar que, assim como Nogueira e Padilha (2014) mencionam, mesmo que obsoleta, a escola não perderá sua função de ensinar, mas que precisa se libertar da inércia na qual se encontra quando o assunto é cultura digital, conforme: “a escola nunca perderá a sua função principal como agência de letramento, contudo questiona-se sua inércia em relação às novas demandas da Cultura Digital da qual os jovens estão incluídos” (Nogueira e Padilha, 2014; s.p)

E para que este desafio seja ultrapassado, é preciso que corpo pedagógico, direção, educadores e gestores estejam informados e envolvidos em atividades de atualização sobre a aplicação prática das TDIC em sala de aula, considerando as transformações culturais oriundas do incessável avanço tecnológico (ANDRADE, 2018), sobretudo com a participação maciça do Estado:

é preciso ir além e pensar o Estado como um ator insubstituível na condução de políticas que visem à implantação das TDIC em ambientes educacionais. É necessário que as instituições de ensino estejam preocupadas em formar professores para o século XXI, aptos a lidar criticamente com as sucessivas transformações do conhecimento e, acima de tudo, usá-las a seu favor para que enfim, comecemos a romper com a distância entre nativos e imigrantes digitais, tornando o processo de ensino aprendizagem de história mais rico, interessante e dentro da realidade dos alunos (ANDRADE, 2018; p.191).

Castells et al. (2009), no que se refere a comunicação móvel e sociedade destacam que “A cultura jovem encontrou no telefone celular uma ferramenta adequada para expressar suas demandas por autonomia, conectividade onipresente e redes de práticas sociais compartilhadas.” O autor ainda destaca que entender as motivações dos discentes para usarem seus aparelhos nas escolas deve ser outro ponto importante a ser explorado, não só nos estudos educacionais, mas, sobretudo na prática educativa. Quando se refere às tecnologias móveis o autor destaca que as informações adquiridas através destes aparelhos tecnológicos se apresentam como grandes alternativas para o processo de ensino aprendizagem. Nas palavras do autor, “Deve-se, portanto, garantir que essa ‘revolução digital’ se torne uma ferramenta educacional, uma vez que cria novas possibilidades, capacidade de pesquisas e poder de criação” (RODRIGUES, 2015).

Sobre o acesso dos jovens à internet e redes de comunicações, não é preciso grande pesquisa para encontrar dados em matérias de jornais com os seguintes títulos: “80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet”, onde sabe-se que a maioria do acesso ocorre por meio do celular (Agência Brasil, 2016); “O celular é usado por 82% das crianças e adolescentes para acessar a internet” (Agência Brasil, 2015); “Público jovem fica nove horas por dia ligado à internet pelo celular” (Jornal O Sul, 2015). O que é compreensível, já que os aparelhos celulares no contexto atual são flexíveis, extremamente leves e possuem diversas funções dentre elas, além de fazer ligações, destacam-se: gravador de voz, jogos, TV, registro de fotografias, mp3, rádio, filmes, mandar e receber arquivos, e-mails acessar a internet, dentre outras muitas funções. Os celulares, hoje são “microcomputadores” e trazem em sua bagagem um potencial extremamente inovador para sala de aula do século XXI, além de facilitar a troca e publicação de conteúdo, permitir o intercâmbio dinâmico de informações por meio de diferentes plataformas capazes de conectar os sujeitos nas mais diversas redes sociais.

No entanto, mesmo diante da possibilidade de instrumentalização dessas ferramentas, é possível observar uma certa resistência por parte dos profissionais da educação, como destaca, Alves e Vieira (2015), ao discutirem as potencialidades do uso de celular em sala de aula através de entrevista com pedagogas, discentes, pais e docentes. Conforme demonstram seus dados, o estudo aponta para conflitos, além do entendimento de que o seu uso é um empecilho ao aprendizado.

As inúmeras leis que apontam para a limitação do uso do celular em sala de aula refletem um certo consenso entre determinados profissionais que de certa forma, compreendem os celulares como ferramentas competidoras no espaço escolar. No Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, vigora a lei da vereadora pastora Márcia Teixeira que proíbe, expressamente, o uso de aparelhos digitais móveis em sala de aula, com exigência de cartaz afixado na porta das salas, sob pena de comunicação aos pais sobre seu uso, quando o infrator for menor de idade, conforme: “Art. 1º Fica proibido o uso de telefone celular, games, ipod,

mp3, equipamento eletrônico e similar em sala de aula. [...] Art. 4º Em caso de menor de idade, deverão os pais serem comunicados pela direção do estabelecimento de ensino.”

Esse tipo de posicionamento nos leva a refletir sobre questões que envolvem a inclusão digital, o uso de tecnologias no ensino e suas relações. É importante ressaltar que o celular enquanto parte integrante desse novo modelo de sociedade, onde a comunicação em rede se faz cada vez mais presente, pode gerar problemas das mais variadas ordens.

Por outro lado, é inegável sua contribuição para ampliação e melhoria dos relacionamentos sociais e meios de vida, onde, de forma cada vez mais expressiva, as TDIC acabam por se incorporar ao cotidiano deixando de existir como mero objeto de desejo, tornando-se uma necessidade básica do indivíduo, considerando os fortes vínculos de dependência com as tecnologias presentes na sociedade contemporânea.

Esse contexto se deve ao fato de que a maioria dos docentes da atualidade pertence à geração antecessora à digital, fazendo com que se enquadrem como imigrantes digitais (PRENSKY, 2001). Prensky (2001) divide a sociedade em duas ordens: os nativos e os imigrantes digitais. Nativos digitais seriam os indivíduos que nasceram e cresceram em meio aos avanços tecnológicos, ou seja, os discentes; já os imigrantes seriam aqueles que nasceram em um período anterior e sofreram em suas vidas mudanças tecnológicas bruscas, nas quais, segundo Mattos, Souza e Manhães (2012) deixaram marcas profundas como exclusão social e digital, entre eles, grande parte dos docentes.

Diante da problemática aqui levantada, compreende-se ser necessário discutir o assunto com o corpo discente a fim de trazer as opiniões e falas dos sujeitos envolvidos diante das possibilidades e conflitos que giram em torno do uso do celular como ferramenta pedagógica nas salas de aula.

3. Aspectos metodológicos

O trabalho desenvolvido foi pautado em documentação direta, na qual o autor colheu os dados pessoalmente na fonte, e documentação indireta, onde foi feita a leitura de trabalhos publicados por outros pesquisadores. Na direta, os dados coletados foram obtidos através de visitas às escolas para aplicação de questionários nos moldes da pesquisa participante¹, compostos por perguntas abertas e fechadas, além de gravação realizada durante as atividades com o grupo focal. Em relação à documentação indireta, foi feita uma revisão bibliográfica de trabalhos relevantes sobre o assunto hora pesquisado.

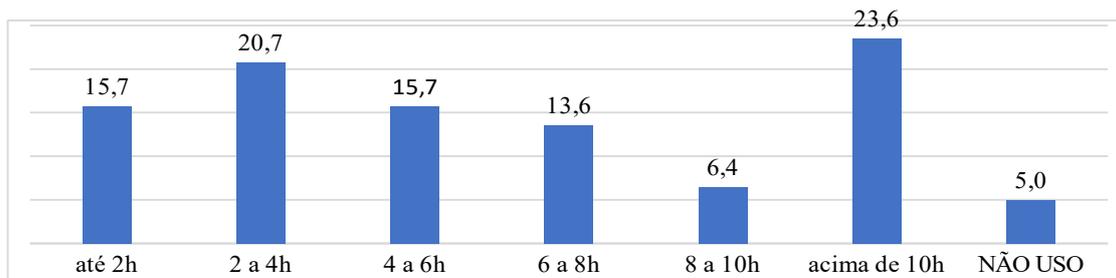
Para atingir os objetivos propostos, foram selecionadas quatro escolas públicas estaduais, duas localizadas na cidade de Campos dos Goytacazes, uma no interior do município e outra no interior do município de São João da Barra. Dessas, 6 turmas foram aleatoriamente selecionadas entre Ensino Fundamental e Médio, respondendo aos questionários e participando do grupo focal um total de 131 discentes.

4. Resultados e discussões

Para melhor compreensão da complexidade da realidade a qual a pesquisa se propõe a tratar, buscou-se investigar quantos dos discentes entrevistados acessam a internet pelo celular dentro de sala de aula.

Gráfico 1. Tempo conectado à internet diariamente. Valores em porcentagem.

¹ Busca aplicar técnicas e conhecimentos necessários ao fortalecimento das atividades desempenhadas pelo pesquisador, considerando que além de estimular a postura dos sujeitos ativos, seu processo participativo reforça o papel protagonista, utilizando dados extraídos da própria realidade vivenciada e valorizando, enfaticamente, o saber e a prática diária dos profissionais envolvidos (THIOLLENT, 1997; BRANDÃO, 2006; REASON E BRADBURY, 2008; STRECK E ADMAS, 2012).



Fonte: elaboração própria, 2018.

Quando questionados sobre o tempo de conexão diária, como podemos observar no gráfico 1, 23,6% dos estudantes revelaram ficar acima de 10 horas por dia conectados à internet, 6,4% conectados entre 8 a 10 horas e restante varia entre 2, 4 e 6 horas conectados diariamente. De fato, grande parte do tempo dos jovens nativos digitais estão ocupados com acesso à internet e isto inclui praticamente todo o tempo em que estão acordados.

No entanto, os dados obtidos estão bem acima da média nacional mensurada pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (*Pisa*, na sigla em inglês) de 2017, onde foi encontrado que, embora os discentes brasileiros estejam em segundo lugar mundial em acesso à internet em tempos vagos – fora da escola, este tempo é de 190 minutos (3 horas e 17 minutos) em dias de semana e 209 minutos (3 horas e 48 minutos) durante os finais de semana.

Contrastando tal resultado com as conversas oriundas do grupo focal, foi possível observar que a realidade vivenciada pelos discentes traz consigo um aspecto altamente potencializado pelo uso das TDIC que é a possibilidade de encontrar “tudo” ao alcance de um clique. Como demonstra o material coletado, as TDIC acompanhadas de suas ferramentas facilitadoras como sites de busca, institucionais, aplicativos, redes sociais dentre muitos outros, ganham espaço e audiência entre os discentes pelo fato de proporcionarem a otimização de tempo, e facilitarem imensamente o acesso aos conteúdos e informações necessárias para construção do conhecimento. Como menciona o discente:

Discente (y): como a aula passa muito rápido a gente ganharia muito tempo se pudéssemos usar o celular... tem gente que usa! [...]

Discente (e): eu detesto copiar a matéria do quadro. Acho perda de tempo! Se a gente pudesse usar o celular, era só tirar foto do quadro e depois estudar a matéria.

Patricia Peck Pinheiro em seu livro *Direito Digital* esclarece que a sociedade da informação seria regida por dois relógios: um analógico e um digital. “

O analógico seria aquele cuja agenda segue um tempo físico vinte quatro horas por dia, sete dias por semana. O relógio digital seria aquele cuja agenda segue um tempo virtual que extrapola os limites das horas do dia acumulando uma série de ações que podem ser realizadas simultaneamente” (PINHEIRO, 2016, p. 251).

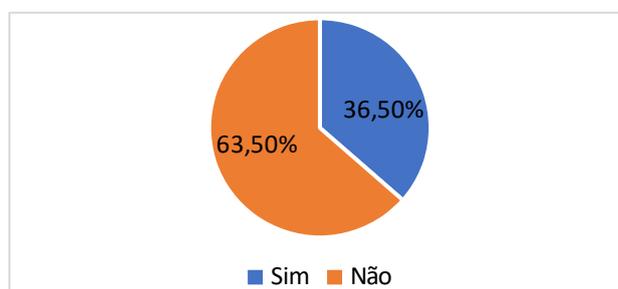
Sendo assim, ainda segundo a autora, a sociedade da informação permite que cada vez mais seus participantes executem mais tarefas, acessem mais informações, rompendo os limites de seus fusos horários, considerando um tempo paralelo, o tempo digital. É possível observar na fala dos discentes que a velocidade e a quantidade com que a informação circula no ambiente digital causa uma sensação geral de falta de tempo para que o jovem possa absorver e usufruir de tamanha oferta, tendo em vista o modelo tradicional que perpetua nas escolas pesquisadas.

Para uma maior compreensão da realidade vivenciada pelos sujeitos participantes da pesquisa, das suas práticas e da relação que estabelecem com a escola, é necessário que

docentes ao menos reconheçam a presença desses novos paradigmas na construção da condição de discente. Para tanto, faz-se importante, além de conhecer a realidade cultural dos jovens na sociedade atual, sobretudo, compreender as relações que a escola tem ou não mantido com as tecnologias móveis, considerando que essas dizem respeito ao cotidiano cultural de nossos discentes.

Sendo assim, foi perguntando aos jovens a respeito do uso do celular dentro de sala de aula e o resultado encontra-se no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Discentes questionados a respeito do acesso à internet através do celular dentro da sala de aula.



Fonte: elaboração própria, 2018.

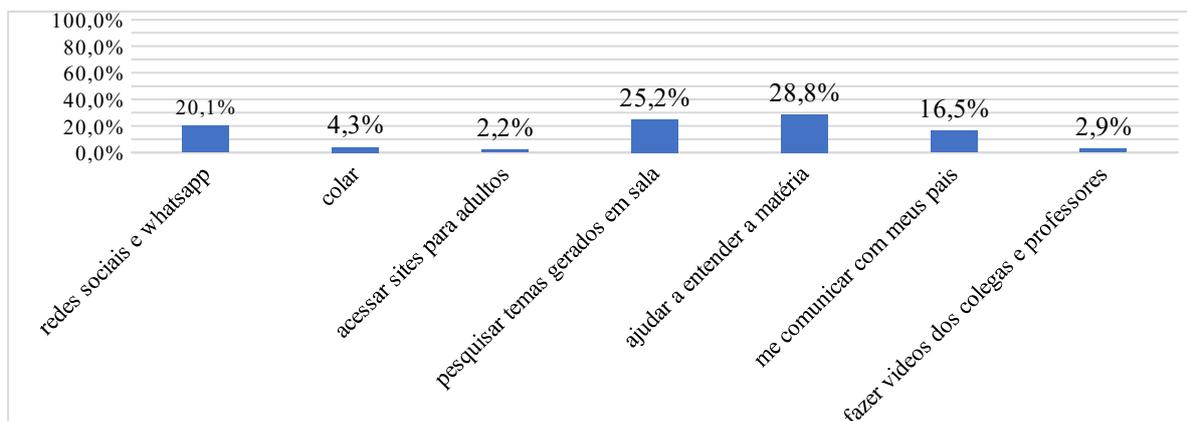
Como demonstra o gráfico 2, 64% dos discentes relatam acessar a internet pelo celular em sala de aula, a despeito da explícita proibição por lei estadual e federal. No entanto, são dados esperados e até compreensíveis, considerando a realidade digital na qual os discentes estão inseridos, conforme largamente exposto por literatura pertinente nos capítulos anteriores.

Durante o grupo focal foi possível notar que muitos dos discentes não utilizam a internet porque não possuem dados móveis no aparelho. Segundo o discente X “muitos alunos não têm internet no celular [...] se todo mundo for usar a internet da escola, a internet fica muito lenta e se formos estudar usando só a internet do nosso celular a conta vai ficar cara”. De fato, a conectividade ainda é um problema não só no Brasil, mas em vários países do mundo.

De acordo com IBGE (2016), embora 64,7% da população brasileira tenha declarado acessar a internet, 63,3 milhões de pessoas se mantêm off-line, desses 14,3% destacam que estão desconectados por conta do alto custo do serviço. Segundo a Agência Brasil (EBC), em estudo organizado pelo IEDE (Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional) com base em dados do programa Internacional de Avaliação de Discentes (Pisa) de 2015, o Brasil tem a segunda pior conectividade nas escolas entre os países que participaram do levantamento.

Considerando as inúmeras formas de conexões oriundas do celular e tendo em vista o questionamento realizado aos discentes sobre o que fazem com o celular em sala de aula, o gráfico abaixo demonstra como o celular vem sendo utilizado pelos discentes. Nesta questão, foi permitido marcar até 3 opções.

Gráfico 3: Quando questionados sobre a utilização do celular dentro de sala de aula.



Fonte: elaboração própria, 2018.

De acordo com os dados obtidos, 54% dos acessos à internet dentro de sala de aula foram para pesquisar temas gerados durante a aula e ajudar a entender a matéria, concomitantemente ou não a outras atividades. O que demonstra cada vez mais que os discentes vêm utilizando esse recurso para facilitar o processo de ensino e aprendizado em busca da resolução de lacunas deixadas durante a construção do conhecimento, mesmo tendo seu uso proibido, desestimulado e penalizado.

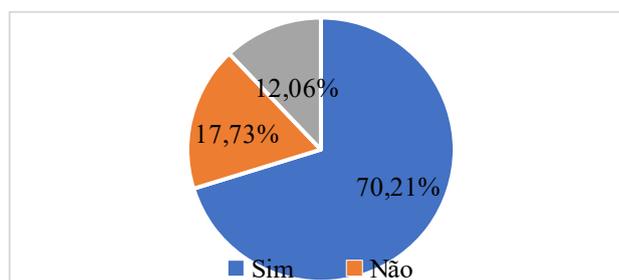
Um número um pouco menor, mas também expressivo utiliza o celular para se conectar a redes sociais (20,1% e 16,5%) o utilizam para se comunicar com os pais. No geral, 25,9% dos entrevistados demonstram utilizar o aparelho em sala de aula para fins não relacionados ao conteúdo e, mesmo desfrutando de anonimato, apenas 4,3% dos discentes assumiram usar a ferramenta para “colar” nas provas, além de um número ainda menor (2,2%) o utilizarem para acessar sites proibidos para menores de idade.

Sendo assim, foi possível perceber que grande parte dos discentes que estão conectados à internet em sala de aula estão se deslocando do espaço escolar para o campo digital, de modo que os permita acesso a sites e conteúdos relacionados a disciplina ou não. No entanto, como utilizam o aparelho escondido do docente, não dispõem de um direcionamento e acompanhamento no que se refere à busca e navegação por páginas e sites, o que os coloca em situação mais vulnerável a informações falsas e/ou uma pesquisa muito aquém do que a própria internet pode oferecer, dentro de um contexto onde ferramentas e conteúdos educacionais dos mais diversos tipos são criados diariamente.

É importante destacar que as escolas aqui analisadas possuem em sua totalidade restrição ao uso de celulares em sala de aula, imposta pelo Estado, e toda esta conexão aqui apresentada ocorre de forma ilegal, muitas vezes conflituosa, vexatória, anárquica e subversiva em um espaço cercado por regras e restrições.

Sobre a lei, acreditou-se ser necessário a consulta aos discentes, onde foram encontrados os seguintes resultados.

Gráfico 4: Quando questionados a respeito da sua opinião sobre liberação do uso do celular em sala de aula.



Fonte: elaboração própria, 2018.

Os dados coletados mostram que 70% dos participantes foram favoráveis à liberação do uso de celular em sala de aula, 18% se posicionaram totalmente contra e 12% ficaram na dúvida, justificando a dualidade nas consequências de tal liberação como: maior dispersão; prejuízo na aprendizagem e maior desordem na sala de aula.

Assim como demonstra o gráfico acima e considerando as falas coletadas durante o grupo focal que serão elucidadas logo abaixo, nota-se que embora prevaleça a opinião a favor da liberação do celular, uma parte dos discentes demonstram-se duvidosos de sua utilização como um agente que viria a contribuir com o processo de ensino e aprendizado. O que é altamente compreensível, tendo em vista a atual conjuntura na qual estão inseridos, onde a restrição é apresentada como fruto da boa disciplina.

Como podemos observar nas falas destacadas. Comentários favoráveis ao uso de celular em sala de aula:

Discente (k): seria muito bom porque o Google é nossa salvação. Tudo que a gente não sabe, pesquisa lá;

Discente (n): com celular a escola poderia poupar um pouco de dinheiro porque se gasta muito dinheiro com livros. Pelo celular o livro não é pago aí você pode usar o aplicativo para baixar um livro grátis de História.

Discente (s): talvez a gente nem perderia de ano porque com celular é mais fácil, a aula só tem 50 minutos passa uns 50 minutos e a gente fica enrolado copiando. Hoje nós passamos uma aula inteira copiando não aguento mais, tu tem que pegar matéria, copiar arrancar a folha se não deixar espaço.

Comentários contrários ao uso do celular em sala de aula:

(d): eu acho que atrapalha porque a pessoa fica muito envolvida no celular e não presta atenção na aula.

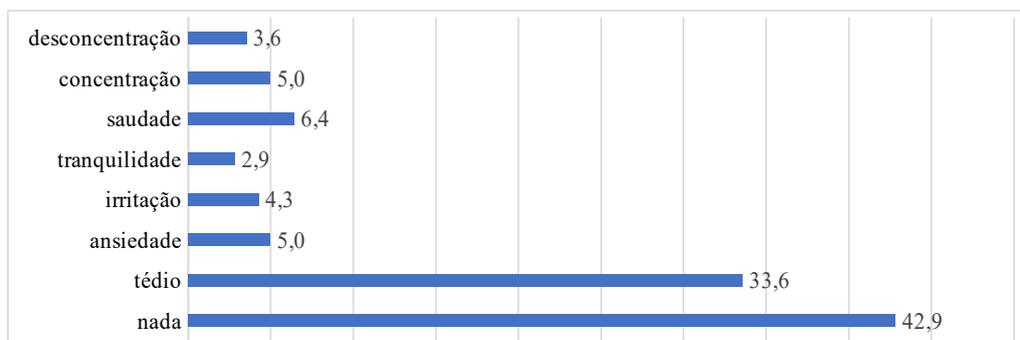
Discente (r): eu acho que ele atrapalha. Na hora da prova não vai ter celular.

Outro fator importante também demonstrado no gráfico 3 é a facilidade com que os nativos digitais possuem para navegarem pelas mídias sociais e outros recursos durante as aulas, que segundo relato dos próprios discentes, é muito curta para desenvolvimento das aulas em modelos tradicionais, ainda presas ao “quadro e giz”.

Essas questões aqui levantadas apontam grandes desafios não só para os educadores, mas para todos os sistemas educacionais contemporâneos de modo geral. Nesse contexto, é importante que gestores e educadores estejam atentos e compreendam que a dimensão e democratização das TDIC permite transcender um modelo vigente, que privilegia a verticalidade na transmissão do conhecimento e sua suposta assimilação para um novo modelo pedagógico, cujo funcionamento se baseia na aprendizagem colaborativa, na abertura para diversidade de saberes, e, sobretudo, nas múltiplas formas de conexões - este fluxo tão presente nas salas de aula.

O gráfico 5 apresenta o resultado da forma como se sentem os entrevistados em relação a privação de contato com a internet dentro da sala de aula. Na questão, era permitido marcar até 3 opções.

Gráfico 5: Quando questionados sobre o sentimento de estar desconectado da internet em sala de aula. Valores em porcentagem.



Fonte: elaboração própria, 2018.

Curiosamente, apesar do celular ser um instrumento hoje muito importante para a socialização dos sujeitos, o sentimento “nada” foi relatado como sentido 42,9% de vezes em relação aos demais, ou seja, os discentes entrevistados relatam não sentir falta da conectividade em sala de aula, em sua maioria. No entanto, o “tédio” foi marcado 33,6% de vezes em relação aos demais, e os demais sentimentos mais marcados variam entre ansiedade, irritação, tranquilidade, saudade, concentração e desconcentração.

Diante da liberdade, autonomia e fluidez com que o telefone celular proporciona às pessoas, além da instantânea e espontânea sociabilidade, sentidas hoje como indispensáveis na vida das pessoas, é de se esperar que esses jovens vejam seus celulares como essenciais em suas vidas, pelo menos é o que relatou 52,9% dos jovens quando somamos as sensações tidas como negativas (tédio, ansiedade, irritação, saudade e desconcentração), assim como demonstra algumas falas registradas durante o grupo focal:

Discente X: quando eu fico sem o celular parece que eu estou em outro mundo.

Discente y: o celular é mais atraente do que a aula.

Assim como no grupo focal, os discentes variam de opiniões onde, embora prevaleça a afinidade pelo aparelho, percebeu-se que os discentes não assumem uma dependência em relação ao aparelho celular. Alguns demonstram uma maior ligação e outros menor ligação:

Discente (A): se eu desligar o celular para aprender a matéria que o professor passou em sala seria bom, mas se eu usar o celular para outras coisas aí vai acabar atrapalhando a aula.

Discente (c): eu acho que pode atrapalhar muito porque uma pessoa pode mandar uma mensagem de repente te desconcentrar na atividade e a gente se perde.

Nas justificativas os discursos variam entre positivos e negativos. No entanto, entende-se que o discurso negativo empregado pelos docentes em sala de aula e pela escola em geral tenha uma forte influência sobre a opinião dos discentes, o que de certa forma interfere no resultado. Acredito que a escola ao invés de restringir e pregar a restrição como politicamente correto, e, ao contrário disso os estudantes fossem estimulados a usar pedagogicamente o aparelho celular onde fosse lhes passado um correspondente a disciplina ministrada poderíamos presenciar resultados bastante significativos.

Ao se referir à tradicional estrutura em que historicamente se organiza a instituição escolar, Sibilia (2012, p.13) observa que “aos poucos essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje.” Segundo a autora “A escola seria então uma máquina antiquada, tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamentos já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (SIBILIA 2012, p. 13).

5. Considerações finais

De acordo com o material coletado, bem como os elementos trazidos pelos alunos durante os encontros para execução do grupo focal, nota-se que a cultura digital se encontra cada dia mais presente nos espaços escolares. No que se refere às regras e imposições trazidas com a legislação que proíbe o uso do celular, percebeu-se serem elas naturalmente ignoradas pelos alunos, já que os dados apontam que a maioria dos entrevistados o utiliza em sala durante as aulas para, entre outras coisas, acessar sites e outras fontes em busca de material relacionado a assuntos gerados durante a aula. Além da dispersão, um importante elemento ressignificado captado dos discentes nesse contexto é o tempo. Queixas como: “perder tempo copiando, perder tempo folheando o livro, perder tempo, perder tempo” apareceram em larga escala no grupo focal dos discentes, apontando para a frustração sentida pelos jovens diante de um modelo educacional que eles consideram obsoleto. Essa percepção, como se sabe, foi proporcionada pelo cenário tecnológico em que as escolas, em sua grande maioria, encontram-se muito aquém das necessidades dos sujeitos que nasceram imersos na cultura digital. É inexorável a exigência de mais interatividade, pluralidade e dinamismo por parte dos discentes frente à escola. Uma das maneiras pela qual tudo isso pode ser alcançado é através do uso das TDIC como ferramentas facilitadoras, que somadas a novas metodologias, tem potencial para ressignificar o sistema de ensino.

Como menciona Baumam, (2002, s.p) “vivemos um mundo marcado pelo caráter episódico e fragmentário do tempo, onde as instituições sobrecarregadas com um sentido de História e tempo linear, adaptam-se mal”. De fato, o nativo digital possui uma relação diferente com o tempo, que por sua vez não é o tempo da escola. A velocidade que corre o fluxo de informações no século XXI não cabe na lógica estanque que se perpetua na educação, de modo geral, como na rede pública estadual do Rio de Janeiro.

O tripé entre educação, TDIC e mundo sugere um processo que parece se impor como uma exigência à medida que, a cada dia, a comunicação mediada por novas tecnologias ganha maior proporção. Muito embora a escola não permaneça imune a essa transformação, é inegável que o modelo escolar do século XXI aqui tratado esteja ancorado em um modelo disciplinar de educação, que hoje se encontra sufocado e agonizante diante dos avanços tecnológicos e culturais vivenciados na sociedade contemporânea. Sendo a educação um tema de interesse social amplo, dados noticiam com certa frequência o fracasso escolar ao exporem em números avassaladores o baixo índice escolar, a violência dentro de sala de aula, o descaso e o abandono dos gestores a que os profissionais da área estão submetidos e com os quais estão familiarizados. O caso do Brasil é emblemático e as redes sociais têm servido até mesmo para que a sociedade se mantenha engajada e unificada em torno de exigência de melhorias na educação, com pouco ou nenhum resultado prático. Esse contexto caótico, além de desmotivar os discentes, vem desencantando docentes e profissionais da educação que têm suas expectativas cada vez mais abafadas em um ambiente onde as regras impostas já não são mais suficientes não apenas pela impunidade, mas, sobretudo, pelo esgotamento de seus sentidos.

Enfim, longe de resolver todas as questões que envolvem a problemática educacional, o uso pedagógico de aparelho celular é apontado por este estudo como uma ferramenta acessível, inovadora, de baixo custo, grande adesão dos discentes (que já possui o aparelho na maioria das vezes) e de alto potencial de rompimento das barreiras vivenciadas na educação.

6. Referências

AGÊNCIA BRASIL, (2016, 22 de dezembro) “O celular é usado por 82% das crianças e adolescentes para acessar a internet. Acessado em 2017, 21 de novembro.

AGENCIA BRASIL. Estudo mostra que Brasil tem pouca conectividade nas escolas. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-01/estudo-mostra-que-brasil-tem-pouca-conectividade-nas-escolas>. Acesso em novembro 2018.

ANDRADE, F.V. Ensino de história frente às tecnologias digitais: um olhar sobre a prática. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 14, p. 172-195, 2019.

BAUMAN, Z. *La sociedad individualizada*. Barcelona. Ed. Catedra, 2002.

CASTELLS, M. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Volume 3: Fim de Milênio*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

JORNAL O SUL, (2015, 9 de Julho) “Público jovem fica nove horas por dia ligado à internet pelo celular”. Acessado em 2017, 21 de novembro.

LOPEZ, R. M. Jovens, internet e escola. Monografia de conclusão de especialização. PUC (RS), 2014.

MATTOS, C. M.; SOUZA, H. M.; MANHÃES, C. C. A democracia cibercultural nas redes sociais digitais. *Revista Científica Internacional InterSciencePlace*, v. 1, n. 21, p. 178-196. 2012.

NOGUEIRA, Márcia Gonçalves; PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. Cultura digital jovem: as TIMS invadem as periferias, e agora? *ETD – Educação e temática digital*, v. 16, n. 2, p. 60-78, 2014.

PECK PINHEIRO, P. *Direito Digital*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016; p. 251.

PRESNKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. Tradução de Roberta M. Souza *On the Horizon*: NCB University Pres. v. 9. n. 5. Out. 2001. Versão online.

RECUERO, R. Redes sociais na internet / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2008. (Coleção Cibercultura) 191 p.

RIO DE JANEIRO. Lei n.4.734, de 04 de janeiro de 2008. Proíbe a utilização de telefone celular e outros em sala de aula. *Diário Oficial do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 04 jan. 2008. Disponível em: < <https://cm-rio-de-janeiro.jusbrasil.com.br/legislacao/255337/lei-4734-08>>. Acesso em: 10 outubro. 2017.

RODRIGUES, D. M. D. S. A. (2015). “O uso do celular como ferramenta pedagógica”. Porto Alegre.

SIBILIA, P. *Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão*. Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

VIEIRA, M. E ALVES, E. “Celular e sala de aula: dos limites às possibilidades”. In: *Anais do Workshop de Informática na Escola*. 2015. p. 236